

Editorial

À guisa de apresentação

Neste ano de 2010, o Núcleo Mover – Educação Intercultural e Movimentos Sociais da UFSC completa 15 anos de existência. Durante todo este período, procuramos desenvolver uma concepção de Universidade que dialogue estreitamente com setores sociais invisibilizados ou excluídos por uma concepção de saber e construção do conhecimento que ignora o caráter essencial inclusivo e democrático da Educação. Nessa perspectiva, desenvolvemos nosso trabalho em torno da Educação Intercultural.

Com a liderança do professor Reinaldo Matias Fleuri, construímos nossa concepção de pesquisadores e elaboramos uma perspectiva de pesquisa que é também uma proposição de vida. Durante este percurso, cruzamos com vários parceiros, os quais contribuíram para a consolidação dessa visão de conhecimento – parceiros diretos, ativos, do dia a dia e, também, parceiros que nos iluminaram, às vezes, a distância, por intermédio de suas obras, como o educador Paulo Freire e outros.

Foi no bojo do Núcleo Mover que muitas dessas concepções puderam ser exercidas e consolidadas, advindas de nossa prática de décadas oriunda da educação popular e militante das causas que envolvem a democracia e a justiça.

Muitos fatos promovidos e/ou vivenciados pelo Núcleo emocionaram e fizeram história; muitos eventos congregaram e formaram laços poderosos de companheirismo, solidariedade, amizade ou identidade acadêmica. Todos, de fato, consolidando uma visão de Universidade que contempla a diversidade, que busca a promoção de vozes silenciadas e a projeção de grupos invisibilizados, ao mesmo tempo que coopera para a formação de subsídios teórico-metodológicos que auxiliem na sustentação dessa práxis.

O espaço é pequeno para relatar os múltiplos e plurais espaços em que o Núcleo Mover foi e é ator e sujeito. Gostaríamos apenas de deixar uma breve reflexão sobre nossa ação acadêmica, acreditando que essa maneira de “Fazer Universidade” traz, intrínsecamente, uma concepção me-

metodológica e de pesquisa como a base sobre a qual temos assentado nossa produção do conhecimento.

Metodologias participativas na pesquisa acadêmica

A proposição de metodologias participativas na pesquisa acadêmica representa um desafio para todos aqueles que se preocupam com a questão da democratização do conhecimento na atualidade.

Especificamente, quando se atua investigando realidades complexas que envolvem grupos que possuem dinâmicas culturais e sociais próprias, que fogem à lógica da pesquisa acadêmica tradicional, é importante atentar para os processos de pesquisa, mais do que os produtos em si ou a investigação concluída.

As lógicas tradicionais de investigação acadêmica por vezes legitimam o fosso entre pesquisador e grupo pesquisado. Até mesmo o termo “objeto” de pesquisa delimita uma posição determinada deste último. A relação entre pesquisador e pesquisado deve se basear na dialogicidade, na construção da interação entre pares, no reconhecimento de que, mais do que “objetos de pesquisa” trata-se de localizar “sujeitos de pesquisa”. É a partir da inter-relação entre pesquisador e pesquisado que o conhecimento será construído em sua complexidade, superando estereótipos e folclorismos e criando uma relação horizontal na produção investigativa.

Nesse sentido, os pares envolvidos – pesquisador e pesquisado – são ativos durante todo o processo e deverão, em uma relação dinâmica, ser interlocutores também ao final, quando os elementos de pesquisa deverão ser socializados e debatidos com todos os interessados, a fim de que possam se apropriar dos resultados.

Pressupostos da metodologia de pesquisa: uma concepção de construção do saber

A investigação no campo da Educação e Pesquisa intercultural pressupõe uma estreita aproximação com o universo pesquisado; isso porque, para compreender o âmbito das relações entre diferentes práticas, concepções e universos é necessária uma abertura teórico-prática à diversidade. À luz das contribuições teórico-metodológicas de Paulo Freire, podemos

refletir sobre a coerência dos procedimentos acadêmicos da pesquisa com os grupos pesquisados.

A partir desse pressuposto, algumas reflexões podem auxiliar nos procedimentos. Não se trata de construir “modelos” ou “regras de comportamento do bom pesquisador”, mas são apenas algumas considerações que poderão auxiliar na abertura do campo de pesquisa e na construção de uma relação mais fraterna, sólida e duradoura entre pesquisados e pesquisadores, valorizando os saberes de parte e parte, considerando os saberes populares como ponto de partida fundamental para a construção do conhecimento acumulado pela humanidade.

Essa relação poderá implicar, inclusive, uma qualidade intelectual maior do trabalho realizado, já que este, mais aproximado do campo de pesquisa, poderá contribuir para a construção de processos de cidadania na relação Universidade e comunidade:

- a) Coparticipação – é importante que o grupo pesquisado seja “cúmplice” da proposta de pesquisa; que se sinta integrado e coautor do processo. É evidente que o resultado final é o ponto de vista do autor e resultado de suas interpretações pessoais, mas é importante que a opinião dos sujeitos investigados esteja contemplada e seja parte relevante e indicadora do todo.
- b) Respeito aos sujeitos/grupos pesquisados – é fundamental considerar o grupo como sujeito e não mero objeto de pesquisa, do qual será extraído o que interessa e nada será devolvido, perdendo esta dimensão do processo que integrou e de seus resultados. Assim, o respeito ao sujeito implica a devolução aos entrevistados, o que deverá ser permanente, tanto parcialmente – cópias da entrevista feita, das fotografias, etc. – quanto ao final, do texto pronto após ter vindo a público. Ouvir sugestões e considerações também é um passo importante na relação pesquisador-pesquisado e cria, certamente, laços muito mais fraternos e esclarecedores quando se trata de investigações dessa natureza.
- c) Transparência – quando alguém é convidado para integrar uma pesquisa como sujeito e objeto desta, é relevante manter a transparência durante todo o processo. Isto significa que é recomendável que não conste do trabalho final os fatos e afirmações que não

tiverem sido autorizados pelos informantes. Há situações em que estes são pessoas pouco letradas ou pouco habituadas às regras do trabalho teórico. Nesse caso, a questão ética torna-se ainda mais relevante e espera-se que o pesquisador tenha bom senso para não integrar o texto final com dados que poderão prejudicar a outros. Os “furos de reportagem” somente terão sentido, nesse caso, se não comprometerem os envolvidos com consequências negativas para sua vida pessoal e social.

A contribuição teórico-metodológica inspirada em Paulo Freire: ressignificando a pesquisa acadêmica – sobre a pesquisa de campo

Na perspectiva freiriana, a aproximação e convivência com os sujeitos de pesquisa é a base para a compreensão dos fenômenos educativos e sua complexidade. Desse ponto de vista, o pesquisador deve estar aberto a assimilar os diferentes elementos que emergem desse campo, de forma a compreender a múltipla e entrecruzada relação de causa e efeito entre os fatos.

Assim, não há verdades absolutas préestabelecidas. O “campo” da pesquisa pode, assim, surpreender o pesquisador com sua dinâmica própria, densa, eivada de lógicas próprias não previstas pelas hipóteses iniciais do pesquisador.

Ainda dentro dessa postura freiriana de diálogo e respeito com o campo e sujeitos de pesquisa, por vezes o pesquisador defronta-se com suas próprias convicções, como se elas fosse o principal inquiridor do pesquisador em sua trajetória. Por vezes, o pesquisador, como indivíduo, encontra-se diante do “espelho” quando confrontados com valores contrários aos seus e que deverão ser respeitados, incluídos e considerado no decorrer da pesquisa.

Nesse momento, o pesquisador está em xeque por sua própria ação investigativa, que pergunta sem cessar e sem aceitar respostas evasivas.

Por vezes, o campo contraria suas verdades (hipóteses) preeconcebidas e construídas durante anos de ação empírica. Nesse momento, na concepção freiriana, deve prevalecer a “humildade do pesquisador” e a supremacia do espírito científico. Entenda-se espírito científico não aquele que

emana somente dos conhecimentos sistematizados pela produção erudita, mas o que dialoga com o conhecimento que emana da realidade em si.

A “humildade do pesquisador”, de que fala Freire, também é uma das premissas do sujeito que investiga diante de um saber que ainda lhe é desconhecido. Por vezes, no diálogo com o grupo investigado, os indivíduos que pertencem a este são portadores de um conhecimento ancestral ao qual o pesquisador deseja acessar. Nesse caso, deve reconhecer a sua incipiência nesse saber acumulado e a posição de aprendiz diante do seu desenrolar, pelos sujeitos que são detentores desse conhecimento.

Adotando essas posturas, por vezes cria-se uma forte relação de empatia e confiança entre pesquisador e sujeito ou grupo pesquisado. Nesse momento, há como que um duelo entre ética e informação. Pode-se dizer que, quando o entrevistado “abre o coração e confia em você”, o grande desafio é conciliar e selecionar dados coletados e informados que não prejudiquem o grupo e, ao mesmo tempo, preservem o espírito investigativo como premissa. Nesse momento, é importante discernir entre pesquisa e “furo” de reportagem, de modo a preservar e respeitar a segurança do grupo e/ou sujeito.

A construção do texto resultado da pesquisa

A concepção freiriana influencia e determina também a forma de construção do texto que sistematiza a pesquisa.

Nesse sentido, o autor necessita “despir-se” do colonialismo cultural, escolhendo parceiros de diálogo que possam auxiliar na tarefa de ajudá-lo a “ler” a realidade. Isso implica considerar que há autores nacionais, regionais e locais e que a produção de conhecimento nesses âmbitos é matéria primordial para sua análise. Despir-se do colonialismo cultural não significa qualquer tipo de xenofobia; não significa ignorar a produção teórica dos chamados países desenvolvidos; significa apenas não lhes dar a supremacia absoluta de verdade científica sem confrontar esses saberes com os saberes locais que emergem das realidades envolventes do campo empírico da pesquisa.

A construção da bibliografia nesse sentido deve ser também aberta à diversidade de saberes, sendo esses compreendidos em uma relação horizontalizada, na qual, se houver supremacia, esta ocorrerá pela capacidade

de interpretar a realidade e não pela origem colonial, historicamente dominante de seus autores.

Essa perspectiva implica também valorização da voz dos sujeitos da pesquisa como fonte autêntica de saber – que dialogam em pé de igualdade com os autores, realizando um encontro/confronto/encontro, das diferentes perspectivas oriundas de experiências teórico-metodológicas diferentes. Essa possibilidade leva à superação da segmentação entre teoria e prática, segmentação que, por vezes, gera um texto fragmentado entre referencial teórico e pesquisa de campo, na qual esta última ganha, geralmente, *status* de complemento secundário em relação ao primeiro.

Na dinâmica do trabalho investigativo, significa abertura à investigação epistemológica, não ser “dono da verdade”; sempre tendo presente que a pesquisa não se destina a confirmar a preopinião de quem a realiza, mas desvendar a realidade em sua complexidade.

Essas são algumas reflexões a respeito da questão da pesquisa no campo da Intercultura que tem nos inspirado ao longo destes 15 anos de Núcleo Mover- Educação Intercultural e Movimentos Sociais, tendo em vista a promoção da cidadania e da visibilidade de grupos que, historicamente, estiveram à margem da sociedade. Essas opções, inspiradas no legado de educadores populares e também do campo acadêmico, orientam os processos de construção do conhecimento no contato com a realidade e com seus construtores.

Acreditamos que, ao destacar essa visão de Educação, nós, do Núcleo Mover, contribuímos para uma Universidade solidária, ativa, sintonizada com seu tempo e com a diversidade social que o compõe.

A série de textos a seguir, bem como a ação teórico-prática de seus autores, foram tecidas a partir dessa concepção, no bojo de uma visão de Educação Intercultural promotora da diversidade e da democratização do saber. Sejam bem-vindos!

Profa. Dra. Cristiana Tramonte

Pela Equipe do Núcleo Mover – Educação Intercultural e
Movimentos Sociais da UFSC